Tentação

1

Meu chefe não parava de olhar para a minha mulher.

No começo da festa, nem me importei. Luísa é linda mesmo, a mulher mais linda que já vi. Loira, uma cascata dourada se lhe escorrendo ombros abaixo, pernas e braços compridos, elegante como uma tigresa, Luísa chama a atenção de qualquer um, em qualquer lugar em que pise com seu pé delgado e macio, um pé que gosto de beijar e lamber e de acarinhar. Amo aquele pé. Que pé.

Pé, pé, pé.

Pé.

Mas parecia que ela estava chamando a atenção do meu chefe além do razoável.

Clóvis. Como é que pode alguém se chamar Clóvis? Mas, tenho de admitir, o cara era bonitão. O tipo moreno alto que agrada as mulheres. Fazia sucesso com as fêmeas da espécie, aquele Clóvis. Até porque também tinha dinheiro. Que não conseguia pelos meios mais lícitos da praça, é preciso que se diga.

Nossa empresa prestava serviços ao Estado, e Clóvis volta e meia arrumava um jeito de auferir, digamos, benefícios extraordinários dos órgãos públicos. Uma série de pequenos ilícitos meio que de praxe na área, como notas adulteradas, comissões por fora, essas coisinhas lucrativas.

O fato é que ele ganhava um bom dinheiro, e parte desse dinheiro passava para mim, que trabalhava como uma espécie de tesoureiro da empresa. Em caráter oficial, eu não sabia de nada. Mas sou contabilista, e um bom contabilista sempre sabe de tudo. Financeiramente falando, pelo menos.

Havia ainda outra coisa de que sabia. Que meu chefe estava encarando a minha mulher, durante a festa do meu aniversário, na minha casa. Por que o convidei??? Bom, na verdade, tinha de convidá-lo. Clóvis tem mania de perseguição. Se sou-

besse que fiz uma festinha e não o convidei, ficaria ofendido. Não duvido que, mais tarde, acabasse me demitindo.

E eu precisava daquele emprego, como precisava. Justamente por isso, fiz de conta que não percebia nada. Fiquei circulando entre os convidados, dando risadinhas e tapinhas em ombros, tentando não aparentar nenhum sinal de perturbação, e acho que estava me saindo bem, até que Clóvis começou a se movimentar na direção dela.

Caminhava com um copo de uísque na mão e um sorriso enviesado debaixo do nariz. Seus olhos reluziam, fitavam os de Luísa fixamente, e Luísa... e Luísa... também olhava para ele! Notei que estava curiosa. Exatamente isso: curiosa. E foi com curiosidade que ela começou a conversar com ele. Conversaram e conversaram e conversaram por... quanto tempo? Meia hora? Mais. Foi muito mais. Não paravam de conversar.

Não conseguia mais me concentrar nos convidados, não conseguia olhar para outro ponto da sala que não fosse para o canto em que os dois estavam. E eles riam e riam e riam. De que tanto riam?

A certa altura da noite, não agüentei mais. Fui lá. Aparafusei um sorriso no rosto e caminhei até eles. Queria ao menos ouvir o que falavam. Porém, ao chegar perto, ambos se calaram. Suspenderam o assunto. E eu fiquei ali, boquiaberto, com um copo de cerveja na mão. Pensei em dizer algo, abri a boca, mas Clóvis se antecipou:

– A festa está muito boa, Rudi, mas vou ter que sair.

Levantei a sobrancelha:

– Já?

– Pois é – e virando-se para a minha mulher: – Obrigado.

Ela abriu um sorriso radioso:

– De nada...

– Até o fim de semana, então.

– Até.

– Até amanhã, Rudi.

– Até...

Assim que ele se foi, virei-me para Luísa:

– Fim de semana?

– Ah, eu convidei o Clóvis para aquela jantinha que vamos fazer. Muito legal o seu chefe!

Cocei a cabeça. Jantar no fim de semana. Não estava gostando nada daquilo. E ia piorar. Mal sabia, mas ia piorar.

2

A sinceridade pode ser usada como uma arma. Foi o que pensei quando disse para Luísa, de chofre:

– Acho que meu chefe está interessado em você.

Ela estava experimentando uma calcinha diante do espelho. Adoro quando Luísa faz isso. Mirava-se de frente, de costas, de ladinho, avaliava-se, e eu a avaliava, entre curioso e fascinado. Que mulher linda! Que mulher sensual! Que sorte eu tive!

– Quem? – ela sorriu, sem tirar os olhos da própria imagem. – O Clóvis? Você acha?

Falou isso casualmente. Bem casualmente.

– Acho – respondi, ajeitando-me na cama. Estava com as costas apoiadas na cabeceira e os pés calçados sobre a colcha, algo que ela detestava. Mas encontrava-se tão absorta consigo mesma que não prestava atenção em mim.

– Bom... – ela subiu em um sapato de salto alto. Um pé. Depois o outro. Ficou toda empinada. A calcinha pareceu menor em suas nádegas rijas. – Se for verdade – continuou – pode ser algo muito bom. Não acha?

– Bom? – deixei meus olhos passearem pelas curvas das suas longas pernas. – Por que pode ser bom?

– Pode te ajudar – puxou um pouco a calcinha para cima. Senti vontade de pular nela.

– A mim? – entendi o que ela queria dizer, mas preferi fazer de conta que tal idéia jamais tinha me ocorrido. Não queria dar a entender que, de alguma forma, oferecia minha mulher para o meu chefe. – Por que isso poderia me ajudar?

– Ora, ele pode te dar aquela promoção, afinal. Aquele aumento – sua expressão era de quem aprovava o que via no espelho.

Eu também aprovava.

– Mas ele vai ficar te assediando...